
Nos olhos de quem vê – “Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais

Mauro Passos*

Resumo. O catolicismo popular comporta diversas formas de manifestação. No reino mágico da lembrança, as parábolas da vida evocam presenças, pessoas, trajetos. A mística da religiosidade desvenda mistérios de tempos imemoráveis, lavra o fascínio de rituais sagrados, estreia territórios nos afazeres da vida. A oralidade é significativa nos textos da tradição religiosa popular. É sua matriz, como também o processo de revitalização da linguagem. É seu *continuum*. Procuo resgatar aqui um aspecto da religião popular, e sua forma de preservação, atualização e manifestação. Este estudo faz uma análise das "Encomendações de almas" no interior de Minas Gerais e apresenta um resultado parcial de uma pesquisa mais ampla denominada "Rituais populares de penitência em Minas Gerais – significado e imagens". A oralidade é uma das matrizes da tradição popular como também sua revitalização.

Palavras-chave: catolicismo popular, memória, mistério.

“In the eyes of the seen” - “Souls Commendation” in the popular religiosity of the Minas Gerais

Abstract. Popular Catholicism comprises several forms of expression. In the magical kingdom of remembrance, parables of life evoke presences, people, and paths. The mystique of religiosity unveils mysteries of immemorial times, chisels the fascination of sacred rituals, and inaugurates territories in the activities of life. Orality is important in texts of popular religious tradition. In fact, it is their matrix, alike the language revitalization process. It is their *continuum*. This study analyzes the ritual of *Souls Commendations* in the countryside of the State of Minas Gerais, Brazil. It also presents the partial results of a broader survey designated "Popular penitence rituals in Minas Gerais – meanings and images". Herein we try to rescue an aspect of the popular religion, and its forms of preservation, updating and manifestation.

Keywords: popular Catholicism, memory, mystery.

*Os que morreram não se retiraram.
Eles viajam.
(Birago Diop)*

Palavras, imaginação e rituais dão origem às crenças. Quando falamos de religião, o que dá sentido às palavras é a prática, segundo Wittgenstein. Isso nos ajuda a superar a dicotomia entre crença e verdade, que perdurou durante muito tempo. As

* Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Roma / UPS (Itália) e Pós-Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor e Pesquisador visitante do Mestrado do IPT e UTAD do Instituto Politécnico de Tomar, em Portugal. E-mail: mauruspax@yahoo.com.br.

crenças e tradições populares falam de um mundo cheio de mistério. A religiosidade popular cria um mundo de imagens onde se encontram histórias e memórias produzidas coletivamente. Trata-se do imaginário e de suas representações. Para Eliade, através do símbolo o mundo fala ou se revela. É por isso que a realidade precisa do encantamento. As Encomendações de almas demonstram um cruzamento de universos simbólicos – carregados de mistérios e expressões emocionais – com o reconhecimento da salvação trazida por Jesus Cristo e pregada oficialmente pela Igreja Católica.

A religião popular é um fato no Brasil. Não só um fato sociológico e histórico, mas também uma realidade espiritual. A cultura popular traduz a experiência de vida do povo – sua vida, suas dores, seus medos e suas esperanças. Mostra os interesses, as preocupações e os valores das camadas populares. Encontramo-nos atualmente num período histórico e no interior de uma cultura que se satisfaz com o esfacelamento, o individualismo e o consumismo. Nos meios populares, no entanto, ainda há mais sentido de solidariedade, colaboração e comunidade.

A área das ciências vem mudando nos últimos anos, particularmente as ciências humanas. Cientistas de áreas diferentes vêm aceitando o desafio de reconsiderar seus saberes. A história, então, tem passado por notável transformação, a partir da nova história. Com isso, as questões referentes ao seu objeto de estudo tem crescido – o passado, as mentalidades, a interpretação, a narrativa, a história oral. Tempo de novos diálogos com variadas fontes vem, assim, soprando os ares da história. Nessa perspectiva, a intertextualidade se faz necessária para abordar o presente, as ações do cotidiano. Assim, olhares diversos são hoje convidados para compor o cenário da história. Sua aproximação e relação com outras áreas, numa pluralidade de abordagens, tem levado o historiador a buscar novas formas de narrativa. É a construção de uma história viva e envolvente.

O catolicismo popular é uma fonte singular para a compreensão de nossa cultura, história e mentalidade. Nesse sentido, afirma Azevedo (2002, p. 20-21):

Alguns dos que deram mais ênfase à religião em suas relações com outros aspectos da nossa organização social foram, indubitavelmente, Gilberto Freire e Fernando de Azevedo. [...] Temas que merecem análise e tratamento científico, não como coisas pitorescas ou exóticas, não como aspectos depreciativos e ridículos da fé popular, ou como esquisitices com que o cientista social se poderá distrair, mas como fenômenos de psicologia coletiva que podem ajudar a compreender as concepções que o povo faz do sobrenatural e do

divino e as aspirações e necessidades que procura satisfazer.

O plano das crenças envolve uma série de pressupostos relacionados à religião, mas não diretamente codificados por ela. As expressões religiosas populares procuram universalizar experiências e modos de vida. As preces populares propiciam a produção de uma realidade que rompe com o cotidiano e o transcende. Operam em nome de um bem maior – a vida, o futuro e a história. Os ritos fúnebres, por exemplo, aparecem nas diversas culturas como expressão na existência de um “depois”, uma esperança de continuidade da vida, ou melhor, da transcendência da própria existência. A tradição judaica expressava sua confiança em Javé, o Deus do Bem, que protege quem anda na luz. Isaías lembra em seu livro: “Não será mais o sol a luz do teu dia, nem será a lua que vai te iluminar à noite; o próprio Senhor será para ti a luz permanente” (ISAÍAS, 60, 19). Assim, por meio de orações, cuidados, ritos e outras formas de expressão, as diversas culturas apostavam em outra vida; daí, portanto, o cuidado com os mortos, os ritos funerários e os laços que os vivos estabelecem com eles para assegurar seu descanso e paz. Nesse sentido, Philippe Ariès comenta a familiaridade com a morte no período medieval, começando a mudar no período do Romantismo. Segundo ele: “Nos contos populares, os mortos estão tão presentes como os vivos, e os vivos têm pouca personalidade como os mortos” (ARIÈS, 1989, p. 65). Na tradição cristã, a ideia de salvação alarga, inclusive, a forma de encarar a morte, pois Deus criou o ser humano para a imortalidade, segundo a confirmação do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: “Se é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão”. (I COR 15, 19).

A religião possibilita a organização simbólica do mundo, da sociedade, da cultura. Vários estudos transitam entre literatura, história e antropologia. Destacamos os estudos de Marlyse Meyer, Carlos Rodrigues Brandão, Câmara Cascudo, Eduardo Hoornaert. As fontes históricas podem ser garimpadas em lugares, objetos e temas diversos, permitindo múltiplas discussões e descobertas. Pretendo identificar os elementos que servem de suporte para identificar o imaginário religioso – os rituais, os símbolos, as orações, os gestos. Nesse caminho, sabemos que a vontade de dizer tudo não consegue finalizar o jogo do desejo de saber. No entanto, é possível mostrar a

relação entre sociedade, religião e construção de valores, como produto, também, do ambiente cultural e emocional em que é criado. Como afirma Gilbert Durand:

Constatamos em todas as disciplinas do saber (a psicologia, a etnossociologia, a história das ideias, as ciências religiosas, a epistemologia etc.), a formação progressiva e não premeditada de uma “ciência do imaginário” e que desmistifica as proibições e os exílios impostos à imagem pela civilização que criou estas mesmas disciplinas deste saber (DURAND, 1998, p. 77).

A vida social não está separada das representações que a emolduram, ainda mais que a memória não é apenas arquivo dos fatos, mas processo criativo de sentidos e significados. As representações coletivas do catolicismo popular transitam entre religião, magia, desejo, mistério e encantamento¹. A cada dia elaboramos projetos (sonhos?), ancorados em frágeis jogos, que esperam entrar em cena. O que une as pessoas em trajetórias coletivas, como as Encomendações de almas? Por que colocar em cena atores que já partiram? Penitência e salvação cruzam-se nesse encontro encantado, elevando vozes, silêncios e súplicas, pois: ”O Senhor é quem dá a morte e a vida, faz descer à morada dos mortos e de lá voltar” (1 Samuel 2,6).

Hoje, no pórtico do século XXI, filmes, livros, revistas, expressões artísticas, imagens e diversas gramáticas que envolvem o ser humano unem no mesmo plano discursivo o mundo histórico e o mítico, o físico e o metafísico, o real e o imaginário. Isso demonstra que o real e o ideal, o concreto e o abstrato, o natural e o sobrenatural, a matéria e as relações são conceitos instituídos socialmente e que não se opõem, mas se complementam nas interfaces da história e do cotidiano das pessoas.

Diversas imagens e sistemas constituem o objeto do conhecimento, o que possibilita múltiplas interações para sua construção. O que é o mundo real fora das imagens e representações que os homens e as diferentes culturas constroem? O que é o conhecimento e a ciência longe dos valores que a sociedade elabora, imagina e distribui? Segundo Paul Veyne, “a história é um romance real”.

A realidade que nos circunda está em constante mudança. Essas mudanças refletem as descobertas que o homem faz, o dinamismo da ciência e,

¹ A propósito, lembro os estudos de Durkheim (1989) e Marcel Mauss (2003). Com relação ao estudo de Mauss, destaco na primeira parte – Esboço de uma teoria geral da magia. Nessa parte ele mostra a relação (parentesco) entre magia, religião, ciência e técnicas. Ao concluir, afirma: “Pensamos encontrar na origem da magia a forma primeira de representações coletivas que se tornaram depois os fundamentos do entendimento individual” (Ibid. p. 177). Na segunda parte, o texto: Ensaio sobre a dádiva.

particularmente, da vida contemporânea. Relevantes inovações invadem também o religioso. Percebe-se, ainda, uma particular corrida em busca do sagrado, do mistério. Muitas novidades, problemas e opções não deixam de balizar e questionar o popular.

O momento atual é bastante ambíguo, na esfera da religião. Estamos em um momento em que predomina a escolha dos indivíduos e, assim, suas opções se tornam determinantes, por um lado. Segundo o historiador Michel de Certeau: “A história desempenha o papel de ser uma maneira de definir um novo presente. Permite que um presente se manifeste como *diferente* do que, até então, lhe era imanente sob a forma de tradição” (CERTEAU, 2011, p. 176). Por outro lado, a diversidade religiosa é um fato novo (e antigo!) no campo religioso brasileiro. Há uma “bricolagem” religiosa na tradição histórica dos brasileiros, o que afetou/afeta, sobremaneira, sua identidade religiosa, segundo análise de Sanchis (2001, pp. 9, 13). Isso pode ser percebido no ritual das Encomendações de almas, com sua magia, mistério e interface com as tradições religiosas indígenas e afro-brasileiras.

As manifestações populares trazem um significado forte de sacrifício, penitência e salvação, entre outras características. Considerarei neste estudo os condicionamentos históricos do catolicismo popular brasileiro, sua tradição, os cânticos e orações das Encomendações de almas na cidade mineira de Cana Verde. Trata-se de uma abordagem que pretende resgatar a identidade das manifestações populares católicas, sua tradição religiosa oral e sua influência no cotidiano da vida das pessoas. Será apresentado, neste estudo, um resultado parcial de uma pesquisa mais ampla: “Rituais populares de penitência em Minas Gerais – significado e imagens”.

O momento atual é bastante ambíguo, na esfera da religião católica. Qual o seu futuro, na geopolítica da fé? Qual o significado da festa popular numa sociedade moderna e urbana? As novas condições socioculturais abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo. Essas mudanças repercutem na religião, pois suas manifestações não são independentes das relações sociais.²

O catolicismo tradicional predominou nos três primeiros séculos (1500-1800) da história brasileira. A fé católica era de importação lusitana e, com essa vertente, foi-se formando o catolicismo popular. Tratava-se de uma mentalidade

² Ver o estudo de Iturra (1991).

tradicional portuguesa. José Comblin reconhece seu caráter medieval e popular³. A fé do povo se manifestava através das devoções aos santos, das procissões, das orações de invocações e perdão, dos milagres. Predominam os aspectos devocionais e a busca de proteção. As várias manifestações religiosas tinham lideranças leigas. Foram-se exprimindo em palavras, gestos e ações coletivas. Em formas híbridas, a cultura e a fé se expandiram por diversas regiões. Assim, guardamos Histórias, Paródias, Folias de Reis, Congados, Encomendações de Almas e diversas expressões de fé que se sucedem nos ciclos do Natal, da Páscoa, de Pentecostes, durante todo o ano, enfim.

Na trama ordenada de símbolos, gestos e representações, o catolicismo vai-se entrecruzando com a vida. Dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia-a-dia. Tais elementos orientam os diversos trajetos e as aspirações humanas. Impulsionado(a) pelo mistério da vida, o homem/a mulher do povo busca sua força na esperança de que "Deus sabe o que faz" e "Deus vai nos ajudar". Essa imagem de Deus deve ser lembrada, celebrada e cantada. Numa explosão de vozes e ritmos, a devoção popular vivencia fatos concretos, temores, sonhos e crenças. O religioso torna-se um elemento consolidador da vida. Dessa forma, a proteção divina, confirmada na guarda do religioso é sinal de garantia, frente aos alarmes da realidade. Jeito de ensaiar a segurança. Ainda em pleno século XXI, as pessoas de diversas camadas sociais continuam procurando a alternativa religiosa para resolver seus problemas, expressar seus sentimentos e encontrar proteção. Numa sociedade fraturada, tanto pelos valores éticos quanto pela justiça, é preciso ir para frente, romper a aurora de cada dia recriando e buscando razões de viver.

1. Religião e cultura: caminhos cruzados

Os caminhos do povo cruzam diversas estradas: matas, cerrados, sertão, favelas, mangues e cidades. Na composição das distâncias, navegam os costumes, o trabalho, a família, a busca de empregos. Nesse mundo em mutação, a vida apresenta diversos panoramas. Novos horizontes influenciam as ideias, mudam o jeito de ser, transformam o trabalho e relativizam as certezas. Mundo de contrastes.

³ Comblin (1966).

A história da grande maioria dos brasileiros é margeada pelas lonjuras da tranquilidade, dos afetos, dos direitos e da posse. O que pensar do futuro, frente às incertezas do presente? Um mundo sofrido, anônimo e rústico contrasta com o espaço do prazer, das possibilidades e das certezas. No terreno da diferenciação da estrutura social, pode-se conhecer o popular e o erudito. Comporta um quadro econômico diverso, nas diversas regiões e, ainda, nos diversos grupos. Essa distinção não é só social, mas também implica o componente cultural, em suas variadas formas de manifestações, como afirma Bosi (1987, p. 7).

Hoje, mais do que em outros períodos, indivíduos e grupos ensaiam novos modos de agir e de se posicionar. Há uma imbricação de culturas, de interesses e de motivos. Com isso, o natural, o social e o sagrado se integram num universo contínuo, mas não linear, pois se trata da construção de símbolos, o que implica uma relação mais complexa.

A imaginação humana permite a evasão para longe de suas preocupações cotidianas com o trabalho, a vida familiar e as outras questões ligadas à realidade dura e concreta da vida. A tradição cartesiana primou pela hegemonia das ideias claras e distintas, para que aquelas oriundas da ficção e da imaginação ficassem na sombra. No entanto, a realidade continuou povoada de crenças, imagens, mitos e símbolos. Os infundáveis sinais verdes da utopia continuaram a inscrever seus projetos, pois “tudo que é sólido desmancha no ar”. Todas as religiões recebem influências sociais e culturais. Mitos, fantasias, credices, medos e aspirações vão compondo seu cenário. A consciência humana molda modos de pensar e de representar. Assim nascem narrativas que (re)criam sonhos e geram histórias. Sô Antônio, membro do grupo observado de Encomendações de almas:

Lá em cima está Deus. Ele é nosso Pai. Tudo depende dele. Cantar pras alma é chamar Deus para elas. Todos precisam de Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo. Dos santos e da Santíssima Virgem. Não fossem eles, o que seria de nós? O que seria das almas? A gente canta pra Deus levar as almas pro céu e salvar todas. Muitas almas precisam de ajuda. Quem não precisa? Quem morre não pode voltar, tem que ir pra frente, para onde está Deus e a salvação.

A religiosidade popular não é um mero acervo histórico-cultural, mas expressão de vida. Sô Antônio está em busca da vida, do amparo de Deus e dos santos para os vivos e os mortos. O religioso está circunscrito no cotidiano. É uma estrada da vida,

pois o sagrado está cruzado com o profano. Há uma união entre santos e homens. Intermediado por um discurso menos elaborado e mais modesto, o depoente procura dar sentido à vida humana. Existe uma consciência religiosa, guardada oralmente, pois ele menciona as três pessoas da Santíssima Trindade, a Virgem Maria e os santos. Sem o domínio da doutrina, ele demonstra seu conhecimento das verdades católicas. As orações e os cânticos ajudam as almas necessitadas, pois todas devem “ir para frente, onde está a salvação”. Nisso está um significado forte das Encomendações de almas – a fé na misericórdia de Deus, a crença na proteção divina. A tradição judaica já expressava a misericórdia de Javé, contida na sua proteção, como está no salmo 27: “O Senhor é minha luz e minha salvação; de quem terei medo?” (SALMO 27, 1).

O catolicismo popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de muitos grupos. A invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica. O campo religioso abre possibilidades de esperança. É preciso vencer. Abrir caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança. Nesse sentido, é comum ouvir a seguinte expressão das pessoas: "Com Deus tudo rompe"; por isso, há uma busca de segurança e proteção divinas⁴.

As diversas práticas culturais populares estão em constante movimento. Nesse caminho, é necessário buscar suas formas de preservação e manifestação. Considerando-se que o entendimento da cultura é o entendimento de sua dinâmica, a cultura popular está permeada por múltiplos atores, lastreada de continuidades e descontinuidades, contraposta por múltiplas historicidades. O historiador português José Mattoso mostra em seu estudo que a liturgia monástica influenciou a religiosidade popular em sua forma e conteúdo, no período medieval. Embora um culto fosse promovido pelas autoridades religiosas oficiais e o outro pelas crenças populares, não havia exclusão, mas modificação cultural, com a preservação de ritos, símbolos e crenças.⁵ Sua compreensão não se restringe ao acervo de rituais, objetos, produtos ou símbolos. A religiosidade popular é um processo vivenciado na tradição familiar e na sociedade, mediante um conjunto de práticas. Comporta uma riqueza nas formas de fazer, atualizar e expressar o religioso, recriando-o e reinventando-o no tempo e no

⁴ A expressão: “Com Deus tudo rompe” é muito comum na língua coloquial e o verbo “romper” tem o significado de avançar. A propósito, cito a pesquisa de Delumeau (1992), que faz um estudo sobre a busca de segurança e proteção no período medieval e moderno.

⁵ Mattoso (1987, pp. 183-190).

espaço⁶.

2. Encomendar as almas: ofício do bem

A história mostra que as religiões estão circundadas de símbolos, mistérios, teofanias, crenças e mitos, de diferentes origens. Alguns estudos contemporâneos têm demonstrado o significado plural do campo religioso⁷ e analisado suas raízes, tradições e expressões. Investigam o fenômeno religioso integrado com as realidades histórica e social, com as quais possui traços comuns. No Brasil, a religião era e ainda é um componente significativo da estrutura social e das várias culturas. Aqui, o catolicismo foi-se transformando no contato com as diversas expressões culturais e com as diversas manifestações religiosas brasileiras. Assim, no caso brasileiro, há de se considerar o catolicismo ibérico rural e medieval que veio para o Brasil, as tradições religiosas indígenas que existiam em todo território e as religiões africanas que aqui criaram suas raízes. Essa configuração gerou uma religião *sui generis* no Brasil – uma religiosidade matricial original, híbrida e com múltiplas interações com a sociedade, a história, a cultura e as várias etnias.⁸ Um campo religioso que se constrói e se reconstrói, bebendo de várias fontes, articulando-se com as raízes mais profundas, os desejos, as novas formas de crer, o instituinte e o instituído, segundo Sanchis (1995, pp. 81-82). Assim, ele se alarga, pois está em constante movimento, incorporando outros cultos e elementos de outras religiões. Pode-se afirmar que o campo religioso brasileiro sempre foi *um campo em relação*, pois se alinha com as novas questões, com o movimento histórico e com as mudanças que ocorrem na sociedade.

Nessa visão geral, a religiosidade popular pôde se manter e sobreviver com influências religiosas católicas, indígenas e africanas. No nosso caso particular, as Encomendações de almas guardam essa relação. Nesse sentido, José Mattoso lembra que:

Algumas das formas do actual culto oficial dos defuntos têm origem em Cluny, como por exemplo, o formulário dos sufrágios e a própria festa dos fiéis defuntos, no dia 2 de novembro. [...] Os monges contribuem assim para oficializar o culto dos antepassados, que a

⁶ Um estudo coordenado por Passos (2002) faz uma análise do catolicismo popular brasileiro, tendo como referência a festa em suas diversas formas de expressão.

⁷ Entre vários estudos, menciono as pesquisas de Sanchis (2001) e Bittencourt (2003).

⁸ Um estudo sobre a matriz religiosa brasileira é feito por Bittencourt (2003), que analisa as relações entre os fenômenos religiosos e o movimento histórico da sociedade e da cultura brasileira, interpretando seus encontros, desencontros, contradições e pluralidade.

maioria das religiões praticam, sobretudo as de carácter agrário, mas ao mesmo tempo apropriam-se de formas de culto que anteriormente se praticavam no âmbito das famílias. [...] Criando fórmulas e rituais coerentes com o dogma, legitima a dá sentido novo a elementos da religião popular. Como tal, estes pontos podem constituir elos de ligação com ela, e por retorno, digamos assim, contribuir para influenciarem as próprias crenças populares (MATTOSO, 1987, pp. 186-187).

No caso brasileiro, a religiosidade matricial está articulada com as três tradições que a formaram. Assim, a associação entre os mortos com poderes sobrenaturais e outros espíritos demonstra o hibridismo que a mentalidade dos fiéis guarda de outras tradições religiosas e sua articulação com os princípios e a doutrina católica.

Embora seja um ritual de penitência, as Encomendações de almas têm uma marca de reavivamento da memória dos amigos, parentes que já morreram ou que mudaram para outras cidades ou regiões. Alguns depoimentos orais expressam esse sentimento e vínculo afetivo. Há coisas que não têm preço, pois são marcas de sensibilidade e manifestam carinho, doação e dádiva. Demonstram grandes utopias que dão sentido à vida, como indica o clássico texto de Marcel Mauss – Ensaio sobre a Dádiva:

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constatam, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas ou de produtos num mercado entre indivíduos. [...] Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos. (MAUSS, 2003, pp. 190-191).

Para este estudo, foi feita uma pesquisa de campo na cidade mineira de Cana Verde, situada a 220 km de Belo Horizonte, na divisa entre o Campo das Vertentes e o Sul de Minas. Cidade pequena, com mais ou menos 10 mil habitantes, guarda essa tradição religiosa há muito tempo. No período da quaresma, vários grupos se encontram e cantam e rezam pelas almas. Há, ainda, outras manifestações religiosas populares como o Congado, as Folias de Reis e as coroações de Nossa Senhora no mês de maio. Os grupos são bastante motivados e não deixam as tradições ficarem no esquecimento, pois é um elemento muito significativo para suas vidas pessoais, familiares e para a preservação da memória coletiva, com suas imagens, sentimentos e valores.

As Encomendações de almas são marcadas pela injunção de elementos das

religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular, como foi demonstrado. Em todo esse tempo, têm-se adaptado às novas situações culturais e sociais. Na busca do sagrado, os grupos sempre afirmam: “Deus dá força e, no ano que vem, estamos aqui de novo pra rezar e cantar”. A grande motivação social é religiosa, capaz de tranquilizar o coração na dinâmica da existência e nas inseguranças e dureza da vida.

Muito expressiva é a letra de um canto que varia um pouco nos diversos grupos sem, contudo, comprometer seu significado. Às vezes, ocorre uma mudança de palavra ou troca de louvor:

Alerta, alerta, pecador adormecido,
Olha lá que Deus não dorme não,
Olha lá que da morte ninguém escapa não,
Arrepende e vem *pedi* perdão.

Reza um Padre-nosso com Ave-Maria,
Reza mais um Padre-nosso pras almas,
Vem aqui *pedi* perdão, vem *rezá*
Pras almas que morreram sem perdão.

Senhor Deus, Pai e Espírito Santo
Senhor Deus, Filho Santíssimo,
Pelas dores de vossa mãe,
Salva todos, salva todos.

As invocações revelam o sentimento de esperança, perdão e salvação. Dois aspectos fundamentais podem ser percebidos nesse canto – o pedido de perdão e a confiança na misericórdia de Deus. A música é triste e entra em sintonia com o ritual de penitência, abandono e dor. A força ritual da música contribui para acentuar a lembrança da morte e a necessidade de oração, caminho e mediação para alcançar a salvação. Segundo a tradição popular e a doutrina cristã, há almas que necessitam purificar-se para alcançarem a salvação e poderem contemplar a presença de Deus. Trata-se de quem morreu com pecados veniais que, pela sua natureza, podem ser expiados depois da morte pelo próprio pecador, como também pelas orações, sacrifícios, esmolas e penitências dos vivos. Sem a pretensão de fazer uma relação completa com o Purgatório, estágio e local de purificação e penitência, as Encomendações de almas lembram esse tempo e lugar. Le Goff sintetiza a justificativa apresentada pela teologia escolástica:

O tempo do purgatório podia durar mais ou menos para cada um dos habitantes desse Além intermédio – consoante a gravidade das faltas ainda por expiar e consoante o zelo dos vivos em, com seus sufrágios, interceder pelo condenado à purgação. [...] O tempo do purgatório era um tempo à medida de cada um – segundo a responsabilidade conjunta da pessoa, do indivíduo, e das comunidades a que ele pertencia (LE GOFF, 1994, pp. 112, 121).

As orações e as diversas práticas a favor da salvação e da misericórdia divina para com os mortos teve sua fundamentação em textos bíblicos, como cita Le Goff em seu estudo (Ibid. p. 109). O canto apontado acima permite afirmar que está em sintonia com os princípios cristãos na incorporação, a seu modo, dos ensinamentos da Igreja Católica. No depoimento citado anteriormente há uma menção à Santíssima Trindade, que tem sua força no canto incorporado e transmitido entre os grupos e as gerações. As ideias e os conceitos sobre salvação, perdão e purgatório circulam na tradição religiosa oral, matriz do conhecimento popular.

A formação da identidade religiosa popular é construída paulatinamente, na urdidura do tempo. No lugar de conceitos, definições e discursos predomina a prática da solidariedade, que estabelece vínculos no grupo. Nesse sentido, um jovem de 25 anos faz o seguinte comentário:

De Deus ninguém foge, não. Ele é grande. Na morte, todos encontram Deus – uns para ser salvos e outros pra pagar pelo fizeram de ruim. Na quaresma, Deus dá uma chance pros pecadores. Mas eles não têm condição de arrepender sozinhos. Precisam de nós, os vivos pra interceder. Então, a gente reza e canta. Assim eles podem encontrar Deus, ter paz e ficar num lugar seguro e bom.

A esperança vem demarcada o tempo todo e, ao lado dela, o espírito de solidariedade, inclusive para com os mortos. Há uma relação entre fato e valor – vida e salvação. A vida guarda já em si o valor de ser “vida”, daí o valor de insistir na salvação. A experiência de anos no trabalho, na família, nos grupos e na tradição religiosa configura matrizes valorativas.

Nos grupos de Encomendações de almas existe também o “Bendito da encomendação”:

Segunda-feira santa onde a senhora estava com seu filho nos braços, bendita sejais;
Terça-feira santa onde a senhora estava com seu filho deitado, bendita

sejais;
Quarta-feira santa onde a senhora estava com seu filho doente, bendita sejais;
Quinta-feira santa onde a senhora estava com seu filho em trevas, bendita sejais;
Sexta-feira santa onde a senhora estava com seu filho morto, bendita sejais;
Sábado da Aleluia e domingo da ressurreição ressuscita Jesus, bendita sejais;
Guarda, Senhora, guarda nossas almas, guarda nossas vidas para sempre. Amém.

A oração é um caminho que vai sendo percorrido e encontra seu repouso na guarda do Senhor. Uma inteira dependência do sagrado se faz sentir no texto do Bendito. Os dias estão marcados pelos passos das dores de Maria, celebração que acontece em muitas cidades mineiras na semana que antecede ao Domingo de Ramos. A religião popular trata sempre do binômio Bem e Mal, condenação e salvação, demonstrando um pessimismo cósmico, como se o Mal rondasse o mundo, as pessoas, as coisas. No entanto, no fim está o Bem. É uma advertência para a condição frágil do ser humano e uma atenção para Deus, para o sagrado que pode mudar as coisas. Segundo Raul Iturra: “A religião é uma ideia mobilizadora do povo” (Iturra, 1991, p. 21).

Uma tendência fundamental aparece nessas manifestações religiosas – a integração religiosa. O sagrado está presente no mundo. A linguagem exige uma análise profunda, pois as imagens e os significados populares se escondem em formas alegóricas. O catolicismo popular brasileiro conserva seus códigos próprios, suas metáforas e sua linguagem. Nem sempre é fácil decifrar seu significado e seu caráter metafórico. A linguagem popular diz uma coisa querendo significar outra, como afirma Certeau (1975).⁹ A ligação entre o dia-a-dia e o transcendente é herança de outras manifestações religiosas que compuseram a matriz religiosa brasileira.

Como compreender essa manifestação religiosa ainda hoje, em pleno século XXI? Segundo D. Ana, participante de um grupo: “Quem canta num ano tem que cantar mais sete. Se faltar, vem o castigo, além de levar o Mal pras almas que estão precisando

⁹ Certeau (1975) diz que o ideal da linguagem é dizer exatamente o que designa, enquanto, para a linguagem popular, dizer uma coisa quer designar outra, em determinadas situações ou circunstâncias. O tipo de relação é diferente: na linguagem popular, supõe-se o interlocutor inteligente; na linguagem técnica, supõe-se a linguagem inteligente, predominantemente denotativa. A relação entre sujeito e linguagem é dinâmica e o sujeito usa a linguagem para revelar ou esconder suas intenções.

de reza. E com alma *num* se brinca mesmo”.

A lição maior do catolicismo popular é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado. Nesta sociedade contemporânea, as organizações populares continuam reinventando seus gestos e reavendo sua identidade, enquanto grupos. Forma de (re)construir sua identidade fragmentada; forma de dialogar com os valores culturais e religiosos. O catolicismo popular é uma cultura em movimento. Reconstrói grupos, pessoas, lugares e temas. Historiar a tradição das Encomendações de almas é o desafio da memória. Isso é um apelo para que novas abordagens se debrucem sobre esse tema, com o propósito de ir folheando suas significâncias. Hoje, o campo da religiosidade popular ultrapassa o campo das religiões, parafraseando uma afirmativa de Sanchis (1995), pois a espiritualidade e as crenças, na compreensão atual, são construções (pessoais ou de grupos!) de esperança na vida e na continuidade da vida.

A religiosidade popular expressa o vivido em união, partilhado com os vizinhos, os amigos, a família. Esse intercâmbio de favores constitui uma de suas características. A pessoa do povo convive com o outro suas emoções, suas esperanças, suas dores, sua fé, pois "com Deus existindo, tudo dá confiança". Entendimento profundo dos valores humanos e da solidariedade.

Através de cantos, gestos e símbolos, o religioso acaricia desejos, evoca a relação entre o mundo dos mortos e o mundo dos homens, como está na epígrafe deste texto, pois “os que morreram não se retiram, viajam”. Todo um horizonte criado pelo espírito humano vai ressaltando e revelando mistérios, histórias e tradições culturais. A religiosidade popular reaviva lembranças e promessas de comunidade, correntes que unem os membros de um grupo, como nas Encomendações de almas. Partilha de afeto que endereça novos caminhos no horizonte da espera, da dádiva e de bem.

Referências

AZEVEDO, Thales. *O catolicismo no Brasil – um campo para a pesquisa social*. Salvador: EDUFBA, 2002.

AZZI, Riolando. *Presença da Igreja Católica na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: ISER, 1981.

BÍBLIA SAGRADA. 10ª. ed. CNBB. Brasília: CNBB, 2010.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*.

Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinomia, 2003.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. Cultura popular e religiosidade popular. *Cadernos dos CEAS* (1975), pp. 52-59.

CERTEAU, Michel de. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006, p. 33-90.

CERTEAU, Michel. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

COMBLIN, José. Situação histórica do catolicismo brasileiro. *REB* (1966), p. 584.

DELUMEAU, Jean. *Rassicurare e proteggere*. Milan: Rizzoli, 1992.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 2^a ed. São Paulo: Paulus, 1989.

ENTREVISTA com o Grupo de Encomendações de almas da cidade de Cana Verde (MG), realizada pelo Prof. Mauro Passos. 22/03/2010.

ITURRA, Raul. *A religião como teoria da reprodução social*. Lisboa: Escher, 1991.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 47-210.

PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)* – o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995, pp.81-131.

SANCHIS, Pierre. (org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

Recebido em 01/12/2012

Aprovado em 20/12/2012